

Além dos limites do Design de Interiores

CARVALHO^a, Maria Luiza de Uihôa; **BADAN^a**, Rosane; **REZENDE^a**, Wagner

Palavras-chave: design de interiores; perímetros da profissão; modernidade líquida; design de ambientes.

Resumo:

Reflexões iniciais sobre questões que envolvem as atribuições e potencialidades da profissão conhecida como “Design de Interiores” no contexto regional (Goiânia), nacional e internacional. A atuação profissional se concentra, em grande parte, em intervenções nos espaços internos (residencial, comercial, institucional) e externos (paisagismo), além de desenvolvimento de produtos (mobiliário). No entanto, outras áreas como instalações urbanas, espaços efêmeros, gestão de projetos e desenvolvimento tecnológico de produtos e processos têm requerido a atuação de designers. Este último item tem gerado controvérsias no meio acadêmico local, tornando-se necessário a sua abordagem. O objetivo da pesquisa é investigar o contexto da atuação profissional do designer na sua especificidade e abordar algumas questões relacionadas no ciclo de palestras e debates que o projeto de extensão, intitulado conforme o presente artigo, se propõe a realizar no segundo semestre de 2011.

Introdução:

Esse texto aborda o projeto de extensão “Além dos limites do Design de Interiores”, cuja elaboração foi motivada pela revisão do Projeto Político Pedagógico do Curso (PPC) de Design de Interiores (DI) da Faculdade de Artes (FAV) da UFG (FROTA; BORGES; SHAUD, 2006). O projeto parte da demanda para esclarecer a divergência de opiniões dos acadêmicos do curso de design de interiores quanto às atribuições e aos limites da profissão. Paralelamente, a revisão do PPC está viabilizando a possibilidade de idealizar uma proposta que conjectura integrar as opiniões divergentes e propiciar uma

produção artística e científica capaz de enriquecer o curso de design como um todo – seja ele nos espaços interiores ou exteriores, com intervenções temporais ou atemporais contextualizadas no âmbito antropológico e histórico-cultural.

Objetivos:

O objetivo principal deste trabalho é discutir e esclarecer o meio acadêmico local e profissionais que lidam com a produção de ambientes e artefatos físicos para o homem no tocante ao papel, o significado e o campo de atuação do profissional conhecido no mercado como “designer de interiores” – mas que tem, na realidade, atuado como “designer de ambientes”.

Metodologia:

No desenvolvimento da primeira fase da presente pesquisa, o projeto pedagógico do atual curso de design de interiores (PPC) da UFG (FROTA; BORGES; SHAUD, 2006) tem sido analisado e reestruturado. A meta é individualizar os limites críticos com as atividades profissionais próximas e identificar os pontos de ruptura para a definição das novas ações projetuais (teóricas e práticas) do design. Num segundo momento, propõe-se analisar o material bibliográfico oriundo da comunidade acadêmica de referência para comparar com a proposta local.

Após a identificação das áreas limítrofes e a análise do material coletado, o projeto de extensão visa organizar uma série de debates com profissionais locais que transitam nestas áreas, a fim de perceber a amplitude dos campos interdisciplinares. Os resultados devem ser publicados ao final da pesquisa.

Discussão:

A nomenclatura “Design” tem sido utilizada em diversas áreas. Uma vez que esta é uma das disciplinas responsáveis pela configuração do meio físico projetado e construído pelo homem (REDIG, 1983), é possível encontrar a terminologia acoplada à moda, ao gráfico, ao produto, ao urbano (FAIRS, 2006) e em parceria com outras áreas como a música e o cinema. A disciplina que se utiliza do termo “Design” está relacionada ao ato de projetar espaços, objetos,

processos e idéias. O profissional que usa o nome “designer” possui grande potencial para criar com inovação, o produto de seu projeto. Neste processo criativo, a metodologia projetual transita entre questões como as necessidades e demandas do cliente, as viabilidades econômicas e as potencialidades do mercado.

Entretanto, além do Design, outras disciplinas (entre as quais, a Engenharia e a Arquitetura) também são responsáveis pela construção e pela produção material do espaço humano. O compartilhar de tais atribuições sempre gerou confusões entre as atividades, tanto na esfera teórica (atribuindo-se a uma as funções da outra) quanto prática (chamando profissionais de uma para resolver problemas de outra atividade). A primeira tentativa no Brasil de diferenciar o Design (e seu campo de atuação) das demais disciplinas – localizando-o em relação a elas, mas sem pretender conceituar as áreas que não lhe competem – ocorreu entre 1978 e 1983, gerando um documento (livro) intitulado *Sentido do Design*, o qual foi publicado pelo professor Joaquim Redig. Ocorre que a abordagem feita por Redig tratava o assunto de forma abrangente, buscando atender toda a gama de objetos que constitui o perímetro da profissão do designer¹ e não na sua especificidade.²

Neste documento, Redig (1983) propõe uma relação entre o design e a arquitetura, concluindo que o diferencial principal entre as duas disciplinas corresponde à escala: o design lida com a micro-escala do meio material, enquanto a arquitetura lida com a macro-escala. Contudo, na prática cotidiana, esta discussão não foi suficiente para esclarecer seus limites. Dizendo em outras palavras, na especificidade do campo de atuação do designer de interiores, as interfaces de sobreposições de funções continuam ainda gerando controvérsias quanto às zonas críticas das atividades daqueles profissionais que transitam em terrenos vizinhos. Por exemplo, o arquiteto tem um entendimento básico da estrutura da edificação, no entanto, não pode desenvolver o projeto estrutural, pois não pode ter a responsabilidade técnica. O designer de interiores, por sua vez, tem conhecimento dos fechamentos verticais, lajes, coberturas e outros elementos arquitetônicos, mas novamente não pode responder por isto.

¹ Entendia-se como área do design, o “Desenho Industrial” e a “Programação Visual”.

² Entende-se aqui a área do “Design de Interiores” ou, conforme sugerimos com a pesquisa, do “Design de Ambientes”.

Uma hipótese para esta “falência” corresponde à própria tipologia de modernidade líquida que caracteriza a atualidade (BAUMAN, 2001). No mundo globalizado de hoje, as fronteiras têm sido facilmente rompidas permitindo que as atribuições profissionais vivenciem momentos de sobreposições, com os quais se originam ambientes ricos para a criação e a inovação técnica, artística e científica. Em meio às transformações da modernidade, o designer e arquiteto Andrea Branzi (IN GUERRINI, 2007)³ tem constatado que o design de interiores (como disciplina) tem reivindicado uma nova centralidade no cenário da contemporaneidade, ocupando uma vasta área projetual e central para o funcionamento da cidade contemporânea.

Como o próprio mercado de Goiânia tem apontado, o desenvolvimento de projetos se transformou também na região, num fenômeno de trabalho de equipes multidisciplinares no qual cada integrante deve entender um pouco de outras áreas para acompanhar e contribuir com a execução em grupo. Neste contexto, é lícito que cada profissional contribua com sua área de conhecimento na construção de um produto coeso e abrangente.

Isto pressupõe que as interfaces entre as áreas de concentração devam trabalhar como um campo em comum e não um campo de guerra que tem impedido a criatividade e a contribuição de outros profissionais. Segundo Guimarães (2000), a contribuição do profissional em design se tornou necessária nas equipes de trabalho para melhorar a capacidade de desenvolvimento de produtos competitivos e inovadores na indústria brasileira. Assim, o transitar nas interfaces das áreas de atuação vizinhas deve ser não somente permitido como também requerido para que o processo criativo flua. Contudo, as referidas áreas devem ser consultadas e os limites de atuação respeitados, a fim de contribuir para o melhor desenvolvimento do projeto.

Conclusões:

Rita de Couto (1999), professora de design na PUC-Rio e doutora em Educação, observa que os problemas do mundo real não se apresentam ao designer conforme padrões definidos. O compartilhamento de ideias e teorias entre diferentes disciplinas, num nível em que estas se relacionam sem se

³ Teórico italiano que discute a crise da arquitetura e a expansão da área de atuação do designer de interiores.

confundir, organiza-se sem convergir em direção a um grupo de conhecimento único. Na verdade, este compartilhamento indica a direção de uma área de pluralidades, de visões múltiplas que consideram os diferentes ângulos de uma mesma questão.

Por ser uma disciplina notavelmente flexível, a natureza multifacetada do design de interiores exige interação, interlocução e parceria com outras áreas de atuação. A vocação interdisciplinar do design como um todo, impede um fechamento em torno de conceitos e teorias anteriormente pré-estabelecidos, contribuindo e deixando-se contribuir constantemente por outras áreas de conhecimento. Em linha com esta orientação, a expectativa do presente artigo é colaborar com o processo permanente de ampliação dos limites da atual profissão do “design de interiores”, em função da efemeridade da contemporaneidade.

Referências:

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2001.
- COUTO, Rita Maria de Souza; OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de (orgs.). *Formas do design: por uma metodologia interdisciplinar*. Editora 2AB em co-edição com PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1999.
- FAIRS, Marcus. *21th Century Design: New design icons from mass market to avant-garde*. Carlton Books Limited, London, 2006.
- GUERRINI, Luca (org). *Design degli interni: contributi al progetto per l'abitare contemporaneo*. FrancoAngeli s.r.l., Milano, 2007.
- GUIMARÃES, A. L. S. V. *Marketing, engenharia e Design: uma união necessária para ampliar a competência da indústria brasileira*. Anais: Encontro Nacional de Engenharia de Produção 2000. São Paulo: USP – Escola Politécnica, 2000.
- FROTA, José Artur; BORGES, Maria Elizia; CHAUDE; Eliane (Equipe responsável). *Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais – Habilitação Design de Interiores*. Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, 2006.
- REDIG, Joaquim. *Sentido do Design*. Imprinta, Rio de Janeiro, 1983.

^a Faculdade de Artes Visuais – Curso de Design de Interiores. <http://www.fav.ufg.br/>